

FÉLIX ALBERTO LIMA - um jornalista com veia de poeta

Conheça a leveza dos versos do poeta e acadêmico Félix Alberto Lima, um dos novos expoentes da literatura maranhense. (pág. 2)



- Leia -

UMA APOSTA, conto de Artur Azevedo (pág. 6)

Conheça

NATAN CAMPOS - o premiado escritor, autor de *A Iha Naufragada*, com sonetos sobre São Luís (pág. 5)

Literatura e Internet

Veja como a grande rede de computadores passou a interferir na produção literária de escritores que usam a internet como meio de produção e de divulgação de seus trabalhos (pág 3 e 4)

MEMÓRIA LITERÁRIA

Manoel Caetano Bandeira de Melo, um dos grandes poetas do Maranhão tem sua trajetória lembrada em artigo (pág. 4)

Homenagem ao performer e ator Uimar Júnior no artigo de Linda Barros



EDITORIAL

Mais uma vez estamos aqui tentando divulgar a cultura maranhense, seus autores e suas obras. O destaque deste trigésimo segundo número é o jornalista, poeta e publicitário Félix Alberto Lima, que tem seus dois livros de poemas comentados.

Perfil literário - uma coluna que estava fora de circulação há alguns anos está de volta e em sua reestreia traz um breve esboço da vida e da obra do jovem Poeta Natan Campos, detentor de diversos prêmios literários e que recentemente publicou *A Iha Naufragada*, uma bela coleção de sonetos, que é também nossa sugestão de leitura.

O ator e performer Uimar Júnior é o homenageado do mês na coluna da professora e atriz Linda Barros. Trata-se de um artista que merece todo o nosso respeito e carinho, por tudo que

já contribuiu para a cultura de nosso Estado.

A relação entre Literatura e Internet é explorada por Gabriel Barros Neres que, em seu artigo, explora essas duas temáticas que atualmente se completam.

Estreia também neste número um espaço para destacar figuras importantes para a nossa cultura, mas que já nos deixaram fisicamente. O primeiro homenageado é o poeta Manoel Caetano Bandeira de Melo.

Caso tenha interesse, você, leitor e leitora, pode enviar sua contribuição em forma de texto. A única condição é que o artigo, crônica ou resenha tenha temática voltada para a cultura do Maranhão..

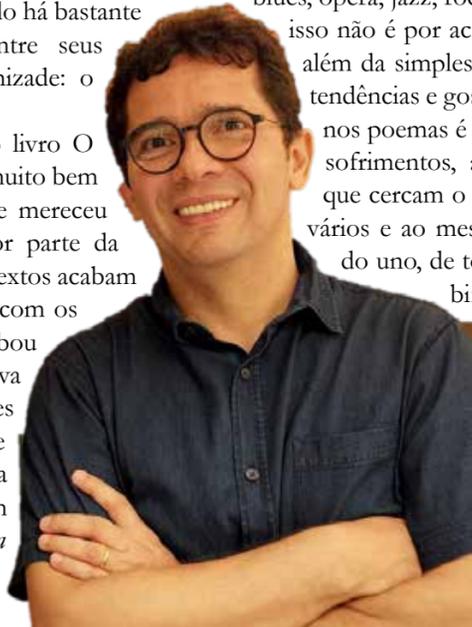
Boa leitura!

A AFINAÇÃO POÉTICA DE FÉLIX ALBERTO LIMA

Reconhecido como uma das boas referências nos campos do jornalismo, da publicidade e da pesquisa, o escritor e acadêmico Félix Alberto Lima, nos últimos anos, tem mostrado para o público um outro talento que, embora cultivado há bastante tempo, era mais conhecido entre seus familiares e seus círculos de amizade: o dom para a Poesia.

Em 2015, ele publicou o livro *O que importa agora tanto*, que foi muito bem recebido pelo público em geral e mereceu alguns elogiosos comentários por parte da crítica especializada. Como bons textos acabam atraindo bons leitores, o contato com os poemas de Félix Alberto Lima acabou criando nas pessoas a expectativa sobre possíveis outras publicações no âmbito da Poesia. Para felicidade dos amantes das boas letras, o poeta acaba de brindar seus leitores com a chegada do livro *Filarmônica para fones de ouvido* (Editora 7 Letras, 2018, 114 páginas).

Dividido em dez partes temáticas que se completam (1. Da luz negra, 2. Do oco do mundo, 3. Dos livros que falam, 4. Do fio da navalha, 5. Do retrato em sépia, 6. De agora em diante, 7. Do rito de passagem, 8. De água e sal, 9. Do mar e ilha, 10. Do linho que há nas palavras), o livro conta também com o prefácio do poeta e crítico literário Tom Farias e traz em seu bojo um arranjo harmônico entre a forma, o ritmo e o conteúdo de cada um dos textos. Não se trata de uma coletânea de poemas soltos que se enfeixam em um livro que o autor deseja publicar por publicar, mas sim de um trabalho minuciosamente articulado em busca de um conjunto imagético e melódico que casasse com cada um dos ritmos inerentes à grande partitura poética que é o próprio livro.



Cada uma das dez partes do livro é marcada por uma melodia própria e em cada bloco de poemas o autor faz um passeio pelos diversos matizes da musicalidade, indo da toada à cantiga e passando por blues, ópera, jazz, rock e muitos outros ritmos, mas isso não é por acaso. Essas escolhas vão muito além da simples variedade lexical e citação de tendências e gostos. Em cada ritmo explorado nos poemas é possível perceber as angústias, sofrimentos, apreensões, dúvidas e acasos que cercam o eu lírico, que se multiplica em vários e ao mesmo tempo torna a expressão do uno, de todos os seres humanos que se bifurcam nas encruzilhadas dos problemas pessoais que são compartilhados para (e por) todos nós.

No texto que dá nome ao livro, o poeta sintetiza parte das angústias humanas e chama a atenção para um ser que mergulha em si e em diversas músicas selecionadas de acordo com seu estado de espírito, servindo também como uma espécie de fuga da realidade em meio a um mundo pós-moderno que muito cobra e pouco oferece. Essa mesma sensação de vazio existencial pode ser sentida em diversos outros poemas do autor. Nos versos de Félix Alberto Lima é possível sentir tanto um pouco do incômodo gauche drummondiano quanto o desejo de fuga emanado pela Pasárgada idealizada por Manuel Bandeira. Nos versos desse jovem poeta maranhense é possível também sentir as brisas de Macondo, de Antares e de Comala e de Santa Maria e de tantas outras cidades literariamente imaginadas e edificadas em monumentos verbais e que se solidificam em versos dedicados à terra natal. Essa profusão de temas ocorre por que o poeta

optou por mesclar em seu livro variadas nuances que percorrem desde o mundo suprametalinguístico de um poema como Hoje não é todo dia (p. 39) até o contundente teor realista de alguém que “aprendeu a mentir juntando sílabas / e nunca mais parou” (p.20), com espaço para “tirar os fones de ouvido e escutar a paisagem” (p. 88, adaptado) ou mesmo para o eu lírico sentir-se como “um refugiado de deus” (p. 89). Os seja, nesse livro, o escritor se preocupa tanto com a esfera metafísica do Ser quanto com as questões sociais, uma vez que um Ser acaba sendo o somatório infinito de outros seres e olhares.

Não importando qual seja o ritmo adotado, o que fica claro na poética de Félix Alberto Lima é que o Ser Humano (não como matéria, mas sim como essência) é o que realmente importa. Independentemente do Tropel de cores (p. 110), de uma Febre terça (p. 81), de Uma noite longa (p. 30) ou mesmo do Juízo final (p.22), é o lado humano que prevalece nas páginas desse livro, e mesmo diante da Ânsia de um homem comum (p. 37) e até mesmo da Compaixão cívica (p. 107), tudo pode ser visto como um grande Ensaio sobre a irrelevância (p. 66) das coisas passageiras.

Filarmônica para fones de ouvido é um livro que pode ser lido por pessoas de todas as idades, independentemente das tendências sociais, políticas, religiosas ou musicais. Em cada página fica a certeza de que do olhar atento do poeta “nada passa despercebido” (p.37) e que, embora haja “gemidos que não cabem num soneto” (p. 102), os versos de qualidade sobrevivem para alegria de olhos e ouvidos ávidos da indelével suavidade da Poesia.



Os flashes poéticos de Félix Alberto Lima

Alguns grandes nomes da literatura mundial como, por exemplo, o romano Catulo e o brasileiro Manuel de Barros nos ensinaram que a Poesia pode estar entranhada até mesmo nas coisas mais simples da vida, cabendo ao poeta a missão de traduzir em palavras aquilo que nem sempre é visível para quem encara o mundo apenas com os olhos do pragmatismo. A Poesia está em todos os lugares e às vezes grita para ser encontrada, para sair do campo das ideias mostrar-se ao mundo em forma de palavras.

Mas nem todos têm a sensibilidade enxergar pelas frestas do cotidiano e dali extrair a seiva necessária para transformar breves observações em obra de arte. Felizmente, para o bem do mundo, algumas pessoas andam por aí atentas aos sussurros da Poesia e conseguem, em poucos versos, em poucas palavras, transformar momentos efêmeros em eternidades. Para felicidade, nossa um dessas pessoas é o maranhense Félix Alberto Lima, recentemente publicou seu livro “O que importa agora tanto”.

Logo ao pegar o livro, o leitor sente logo o cuidado gráfico da Editora 7Letras, com uma diagramação leve e que visa a valorizar o texto sem cansar os olhos de quem se propõe a ler a obra. Na orelha, no prefácio e na contracapa, nomes consagrados como Zeca Baleiro, Salgado Maranhão, Antônio Carlos Secchin, Domício Proença Filho e Geraldo Carneiro saúdam o jovem autor e passam suas impressões a respeito do estro poético desse jornalista e pesquisador que já enveredou por tantos caminhos nas letras, mas que somente agora decidiu mostrar ao público

seus versos.

Mas é preciso ir além da perigrafia textual para que o leitor perceba que os elogios que cercam o volume não são meras formalidades. Ao passar as páginas, pode-se perceber que os poemas enfeixados por Félix Alberto Lima no livro, apesar de apresentarem algumas irregularidades, primam pelo senso estético e estão eivados de qualidades poéticas de alto nível, rendendo excelentes páginas poéticas carregadas daquelas características fundamentais preconizadas por Ezra Pound: as imagens poéticas (fanopeia), a ênfase na sonoridade (melopeia), sem deixar de lado os aspectos intelectuais da poesia (logopeia).

Uma das principais características de “O que me importa agora tanto” é a preocupação com o uso das palavras em busca da melhor solução poética para a ideia que tem que se transformar em verso. Desse trabalho com a linguagem surgem páginas antológicas em que a simplicidade das palavras contrasta com a complexidade de algumas imagens poéticas, como, por exemplo, no poema Passe Livre, (mais de sessenta anos de idade / uma vida inteira de altruísmo / e olha ele ali ainda / na fila da felicidade), no qual o poeta mostra ao leitor mais do que as palavras dizem e, em uma junção do título com o corpo do poema deixa para o leitor diversos questionamentos que só podem ser respondidos com um mergulho na realidade que se esconde por trás das palavras.

A sensualidade é outra marca do livro. Em poemas como Fetiche (não sei se ela finge / nas noites de gueixa / ou nas tardes de esfinge), Voyeur (por trás da persiana / há uma mulher de lingerie / tocando-se à paisana) e em alguns outros, o jogo de esconder é a principal arma do poeta para descrever cenas que podem despertar a imaginação do leitor sem necessidade de apelar para a descrição explícita da beleza da cena.

Muitas outras temáticas podem ser encontradas nesse livro de Félix Alberto Lima, que, como afirmou Salgado Maranhão no prefácio da obra, age como uma espécie de “flâneur da vida banal”, a passear poeticamente por diversos recantos e retirando de acontecimentos aparentemente comuns a matéria-prima para a construção dos poemas que compõem o livro. No meio de abordagens sociais, temas existenciais e de críticas ao cotidiano, o poeta ainda encontrou espaço para diversas incursões na metalinguagem, explicando que escreve “como / quem caminha / pelo tempo / no centro da cidade”, e ainda por cima explica um estilo em que: “sem par / não faço / poesia / com a / mão / apenas / fricção.”

Sem dúvida, o já aclamado pesquisador e jornalista Félix Alberto Lima entra no mundo da Poesia pela porta da frente, sabendo que no mundo das artes, tudo importa, e tudo pode ser traduzido em versos.

Expediente

Ilhvirtualpontocom é uma publicação independente que tem como objetivo divulgar a cultura maranhense

Editoração eletrônica: José Neres
Revisão Final: Gabriel Barros Neres

Textos desta edição:
José Neres
Gabriel Barros Neres
Linda Barros

Autoria dos artigos: José Neres
JOSÉ NERES é professor, escritor e membro da AML e da Sobrames

Os Escritores da Internet

A boa relação entre literatura e internet serve como porta para escritores, seja um iniciante ou um veterano.

O leitor de ontem é o autor de hoje. Essa frase pode resumir bem a democratização que a internet propiciou desde que surgiu e se popularizou nas casas das pessoas. Quem antes era apenas consumidor de jornais, livros, noticiários e até filmes, hoje produz seu próprio conteúdo e os lança na internet.

Os primeiros blogs são grandes responsáveis por isso. Por volta de 1997, eles foram surgindo como ‘diários virtuais’. A pessoa dona do blog postava fotos, relatava viagens e seu próprio cotidiano. Rapidamente a ferramenta se popularizou, se modernizou, evoluiu e hoje, qualquer jornalista, crítico de cinema, autores literários ou apenas uma pessoa comum que queira pode postar uma notícia, suas impressões sobre um filme ou publicar um poema, crônica, conto ou o que for. A internet democratizou essa forma de comunicação.

Também há sites voltados para a escrita. Um dos precursores nesse estilo é o extinto Clara Online.

Félix Alberto Lima é jornalista e era um dos responsáveis pelo site. Ele possui uma empresa de assessoria de comunicação, que atualmente também é de publicidade, chamada Clara Comunicação. No início dos anos 2000, quando ainda era assessoria, a empresa contava com muitos jornalistas e alguns deles com viés literário. “Fernando Abreu, Reinaldo Barros, Cassiano Viana, Andréa Oliveira, Joaquim Haickel e Celso Borges, entre outros, embora alguns não tenham trabalhado lá, mas foram colaboradores e como tínhamos esse cenário muito fecundo de produção literária eu decidi criar um site chamado Clara Online”, disse.

“Criamos esse site para que fosse uma coluna de autores, cada um escrevia uma crônica, poesia e tal e isso tudo foi muito legal, porque esse site teve muita visita e muita repercussão”. Graças a essa repercussão, houve um passo a mais e então surgiu “As melhores crônicas do Clara Online”, livro que reúne as 5 melhores crônicas de cada autor escolhidas por eles próprios.

“Fizemos o lançamento de As melhores crônicas do Clara Online, na época foi lá no quintal da praia de São Marcos. Foi um superlançamento lá, eu nunca vi tanta gente em um lançamento de livro como naquele dia”.

Com o tempo o site foi extinto e a empresa, como citado antes, se voltou para a área de publicidade. Foi uma reinvenção, uma transformação necessária para seguir em frente com a Clara Comunicação.

Para Félix, o lançamento do site e do livro foi marcante para a comunicação online. “Foi uma experiência muito rica e valorosa, dali a gente tirou proveito e cada um depois seguiu seu caminho. Acho que ficou esse marco naquela época, dessa transição ali. A gente estava, na verdade, engatinhando nessa coisa da comunicação online.”

Muitos sites surgiram no decorrer dos anos, além de inúmeras novas formas de criar um blog. Estes sites viram um gênero surgir e se popularizar na internet: A fanfiction.

Significando literalmente ‘ficção de fã’, a fanfic é uma escrita de fã sem fins lucrativos sobre determinada obra existente, pegando situações que o autor original não fez e imaginando como

Gabriel Barros Neres

Graduando em Jornalismo pela Faculdade Estácio de São Luis do Maranhão.

seria. Por exemplo, muitos fãs de Harry Potter gostam de imaginar como seria um livro focado nos filhos dos personagens principais. Outro exemplo é a criação de casais não oficiais da obra, como Hermione Granger e Draco Malfoy. Os ‘crossovers’, encontros entre diferentes obras – tipo Harry Potter e Percy Jackson – também são comuns.

O termo surgiu graças às ‘fanzines’, estilo de revista sobre ficção científica editada por fãs do gênero, lá na década de 1960 e se tornou popular em 1998 com o surgimento de um dos primeiros sites voltados para fanfictions, o Fanfiction.net. Alguns autores conhecidos começaram no gênero. O britânico Neil Gaiman, autor de “Deuses Americanos”, declarou no Twitter que ganhou um concurso escrevendo Sherlock Holmes e H.P. Lovecraft. Outro famoso exemplo é a autora E. L. James, de Cinquenta tons de cinza, cuja inspiração maior vem da saga Crepúsculo – até mesmo os protagonistas do livro erótico eram inicialmente chamados de Bella e Edward.

Há quem considere William Shakespeare um escritor de fanfiction, já que sua obra mais famosa, Romeu e Julieta, baseia-se em um poema do século XVI chamado ‘The tragical history of Romeo and Juliet’, de Arthur Brooke. Entretanto, pode-se considerar mais como uma adaptação do poema do que uma fanfiction.

Muitos jovens começaram a escrever ficção de fã e publicaram na internet, seja por diversão ou por desejo de ver algo diferente com os personagens favoritos. Rafael Santos é um desses jovens. Com 15 anos e no segundo ano do ensino médio, Rafael escreve desde 2015 e tem um gosto bem variado para a leitura, gostando de terror, ficção científica, drama, aventura e ação, mas foi motivado pelo seu gosto de super-heróis que ele escreve o gênero.

“Eu sempre fui uma criança que gostava muito de super-heróis. Batman, Mulher-Maravilha, Wolverine, mas meu favorito sempre foi e sempre será o Homem-Aranha, por isso mesmo as histórias que eu mais gosto de escrever são sobre super-heróis, e principalmente do Homem-Aranha ou relacionado a ele”. Entretanto, o rapaz sente receio de compartilhar com a família ou com amigos da ‘vida real’ as suas histórias. “Ninguém sabe que eu escrevo fanfictions, exceto os amigos virtuais que tenho, e espero que não descubram tão cedo”. Ele já foi tímido, mas garante que não é timidez, inclusive considerando-se no meio termo entre pessoas super tímidas e pessoas super extrovertidas. “Eu não tenho problema nenhum em falar na frente de um monte de gente, mas eu tenho um problema depois, porque eu fico com a cara vermelha sem saber o que fazer”.

Já outra pessoa, que preferiu não se identificar, escreve há pelo menos 5 anos na internet. O começo foi complicado, mas foi só contar com uma ajuda que ela melhorou. “Eu sempre tive a mente criativa, bolando história e tudo, conheci a existência das fanfics quando ganhei meu primeiro computador e resolvi tentar colocar essas ideias

para fora. Não foi muito para frente, eu não tinha orientação, não sabia direito o que fazer. Então uma pessoa que estava junto de mim na época, era um pouco mais experiente, me incentivou e me apoiou e acabei me ariscando”, disse.

Sobre a ambição em ser um autor maior, ficar além da internet e publicar livros, os dois não planejam se tornarem escritores famosos, apenas lançar as histórias que eles querem. A pessoa anônima, entretanto, já se viu em fases diferentes. “Teve uma época que nada passava de um divertimento, depois tive a fase de ‘isso é um treino para o futuro’, onde na minha cabeça tudo que eu escrevia era um passo adiante da profissionalização. Hoje, voltei à fase de ser apenas por lazer”.

“Com isso acho que ganharam os escritores mais novos, os que estão chegando aí. Essa é uma ferramenta que eles se sentem muito mais à vontade até com o livro, pois eles sabem que no universo deles é muito mais fácil compartilhar via digital do que convencer um amigo a comprar um livro, a entrar numa livraria pra comprar um livro. Então tem esses caminhos aí que eu acho bem interessante, acho que tem o seu papel aí”, comenta Félix sobre a internet e os jovens.

Uma terceira jovem escritora é Lorena Silva. De 26 anos, é recém-formada em Letras com habilitação para inglês e português, inclusive já ministrando aulas de inglês para crianças. Rodeada de livros e influenciada pelos pais, Lorena sempre viu prazer na leitura e não uma obrigação.

“Eu sempre gostei muito de ler, desde a escola. E a escrita, acho que veio como consequência disso, eu acho que quando a gente lê muito ficção, literatura, chega a um ponto que começamos a querer fazer as nossas próprias histórias, a gente quer começar a escrever as histórias que a gente nunca leu, então a imaginação começa a aflorar nesse sentido e acho que comecei a escrever justamente porque eu lia muito”.

Lia de tudo, desde os pequenos paradidáticos a autores clássicos da literatura, como José de Alencar, Luís Fernando Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade, entre outros. “Comecei a ler Harry Potter aos 13 anos, mais ou menos, e eu gostava tanto da história que quis escrever versões daquela mesma história, mas situações que eu queria ver os meus personagens preferidos [passarem] e que a autora original não tinha feito, então eu comecei a criar essas pequenas histórias sem saber que eram fanfics na época”. Apesar de não ter lançado todos os textos na internet, essa prática em fanfics fez Lorena lançar seu primeiro romance em 2014, intitulado La Lune.

“La Lune foi meu primeiro romance, minha primeira história original com começo, meio e fim. É uma história que eu estou aprendendo muito com ela, ter publicado essa história, ter levado essa história para outras pessoas, ter tornado pública. Me deu uma experiência muito boa e só tem me feito crescer, eu tenho buscado cada vez mais melhorar a minha escrita, estudo muito sobre a escrita, leio muito sobre escrita, os meus autores preferidos. Eu sempre estou querendo saber mais, sempre estou querendo melhorar a maneira como escrevo”, disse.

Para Félix, alguns autores nascem com o dom de escrever, mas a prática leva ao aperfeiçoamento até para esses dotados. Um blog, um portal ou um site é a melhor maneira de se aprimorar. “Essa coisa de você já nascer com o dom de escritor, tá, tem uns que já nasceram com isso, mas outros, eles também vão construindo ao longo da caminhada”.

“A questão da qualidade, você ainda vai



Manoel Caetano Bandeira de Melo

por: José Neres

Não são poucos ou nomes das letras maranhenses que mereceriam um olhar mais atento tanto por parte da crítica especializada quanto por parte dos amantes e consumidores da boa literatura. Alguns escritores têm importância capital na formação intelectual de um povo e de uma cultura letrada, mas com o tempo acabam sendo relegados ao esquecimento e deixam de ser lidos ou revisitados pelas novas gerações, embora suas obras ultrapassem a dimensão de uma época ou de uma região.

Esse é o caso do poeta, ensaísta, crítico, jornalista e advogado Manoel Caetano Bandeira de Melo, que nasceu em Caxias, no dia 30 de julho de 1918 e faleceu no Rio de Janeiro, em 07 de maio de 2008, quando estava prestes a completar sua nona década de vida.

Homem de extrema erudição e com excelente verve poética, Manoel Caetano Bandeira de Melo soube como poucos enveredar pelas trilhas das artes literárias e publicou livros como *A Viagem Humana* (1960), *O Mergulhador* (1963), *Canções da Morte e do Amor* (1968), *Da Humana Promessa* (1976), *Uma canção à beira-mar* (1977), *Durante o canto* (1978), *A estrada das estrelas* (1981), *Da constante canção* (1983), além de participar de compêndios e de antologias que registravam e homenageavam os grandes valores da poesia brasileira da segunda metade do século XX.

Em seus versos é possível perceber um apurado senso estético, um grande poder de observação da realidade e sensibilidade para transformar situações nem sempre agradáveis em poemas que buscavam mergulhar na profundidade da alma humana e dali retirar lições que servissem como meio de demonstrar a própria essência do ser, sem excessos de dogmatismos e buscando

ultrapassar os limites impostos pelas palavras em suas acepções mais corriqueiras.

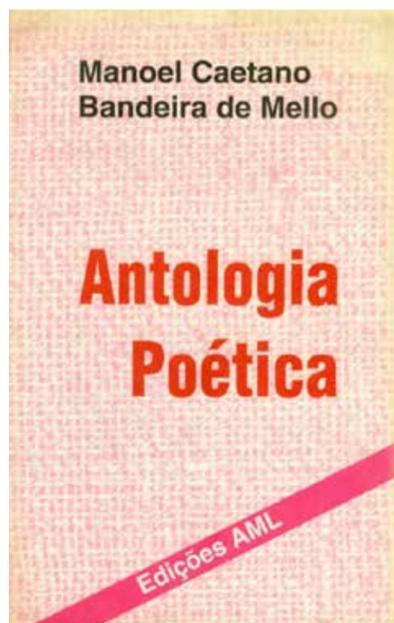
Ganhador de diversos prêmios literários, respeitado e admirado por intelectuais como Adonias Filho, Oswaldino Marques, Walmir Ayala, Carlos Cunha, Jomar Moraes, Antônio Olinto e José Cândido de Carvalho, entre outros, Bandeira de Melo acabou sendo definido por Josué Montello como sendo um “poeta por excelência. Antes de tudo um poeta culto. É um poeta ajustado aos problemas e perplexidades de nosso tempo (...), sempre em busca da poesia”.

Realmente Montello estava coberto de razão, pois o autor de “Após a Solidão de Certas Horas” não se limitava a alinhar palavras e forçar rimas esdrúxulas no afã de construir um poema em versos livres ou metrificado. Ele tinha o cuidado de imiscuir poeticidade em suas escolhas lexicais e a rima em seus poemas iam muito além de um mero adorno estético-sonoro,

era quase sempre uma necessidade melódica a embalar um tema que, às vezes banal, se enchia de beleza e de harmonia.

Um bom exemplo disso são as onze estrofes do “Uma Canção à Beira-Mar”, um belo conjunto poético no qual o jogo de palavras, as aliterações e as assonâncias reproduzem o ir e vir das águas, mesclando a paisagem física do mar com as múltiplas paisagens mentais que se desdobram a partir de recordações, observações e formas de ver o mundo por diferentes prismas.

Desse poeta maranhense, não se pode esquecer também o tom sutilmente erótico de muitos de seus versos, do olhar crítico sobre aspectos cotidianos, dos jogos intertextuais em que descortina suas muitas e variadas leituras e, principalmente, não se pode esquecer de um apurado trabalho com a linguagem, capaz de criar neologismos como “silensidão”, no poema *Viagem*, no qual consegue potencializar a sensação de um vazio que se prolonga na imensidão do Ser.



Manoel Caetano Bandeira de Melo é um desses poetas que merece ser lido e relido constantemente, pois suas obras fazem bem a todos os que admiram a Poesia.



* José Neres é professor, escritor e membro da Academia Maranhense de Letras e da Sobrames - Artigo publicado inicialmente no Jornal O Progresso, de Imperatriz

Os Escritores da Internet (continuação)



apurando e com o tempo você vai afinando mais, lapidando, então isso é o tempo que vai melhorando. Se você tem essa capacidade muito mais fácil de experimentar, é claro que futuramente você vai ter um texto mais lapidado, vai cada vez mais lendo e aprimorando sua escritura. Acho que é um fator bastante positivo”, comentou.

Com o aprimoramento, Lorena se viu apta a reeditar *La Lune* e planejar duas continuações, sendo que a terceira parte já está em processo de escrita. Além

disso, Lorena se aventura por outros gêneros literários. “Estou me aventurando pelos contos, inclusive agora eu comecei a postar uma série de microcontos, que são contos bem curtos de 2 ou 3 parágrafos. Bem curtos mesmo, que falam de assuntos do cotidiano, tem um pouco cara de crônica, mas eu estou testando isso”.

Ela também comentou que se aventurou na poesia, mas não se encaixou por achar que a prosa é o seu caminho. E continua escrevendo fanfics até hoje. “Ainda escrevo fanfics de Harry Potter e de uma série [literária] americana chamada ‘Anita Blake – A caçadora de vampiros’, que é uma série sobrenatural bem longa, que ainda não tem tradução oficial brasileira, então eu leio diretamente em inglês e tenho um grupo de amigos que gosta e então de vez em quando escrevo fanfics voltadas para eles, porque eles me pedem pra escrever, ainda é uma coisa que eu gosto muito de fazer como hobby mesmo”.

E trabalhar com a escrita mudou como Lorena vê algumas coisas, como ela pensa mais nos detalhes extras. “Eu gosto de conversar com as pessoas, de conhecer as histórias delas e como isso vai enriquecendo a maneira como que a gente enxerga o mundo depois que a gente passa a tecer histórias. Você passa a prestar mais atenção nas coisas ao seu redor, os detalhes, e pensa ‘Poxa, o que será que tem por trás disso? Qual

a história escrita por trás disso?’. Desde que eu realmente comecei a levar a sério isso, muita coisa mudou na minha percepção, sabe, sobre a própria vida, sobre as coisas que eu faço, enfim eu me tornei uma pessoa bem mais reflexiva”, finalizou.

O lado bom dessa democratização é que tem muito conteúdo para procurar, ler, pesquisar e se aprofundar. O lado ruim é que o conteúdo rapidamente vira ultrapassado, como bem disse Félix. “Hoje as pessoas têm dificuldade na leitura, porque o acesso à informação pelas redes sociais é muito breve, a linguagem tem que ser rápida aí você tem que fazer uma coisa muito rápida e muito em cima das atualidades e são atualidades realmente passageiras. E o que hoje é atual, daqui a pouco não é mais. O que é agora, o que estamos discutindo aqui, atualidade, daqui a duas horas não vai ser mais”, conclui.

A internet é uma grande porta para escrever, para compartilhar sua própria produção com outras pessoas, para experimentar, evoluir e conhecer novas formas de leitura. Cabe às pessoas saberem escolher aquilo que for bom e interessante e aos produtores fazerem o possível para melhorar seu conteúdo.

Perfil Literário

Natan Campos

Natan Campos é o nome literário de Natanilson Pereira Campos, um professor, ator, prosador, poeta e músico nascido em São Luís do Maranhão no último dia do ano de 1972.

Habilidoso com as palavras, Natan Campos é reconhecido pelos amigos e admiradores como um dos mais completos e talentosos escritores da geração que começou a produzir e publicar seus textos na década de 1990.

Graduado em Letras (português e alemão) pela Universidade Federal do Maranhão, o poeta já trabalhou em diversos estabelecimentos de ensino e, paralelamente à carreira docente, também atuou em vários espetáculos teatrais, com destaque para “Poemas para Che”, sob a direção de Charles Melo.

Atendendo à insistência dos amigos e também por considerar que já estava pronto para estreitar em livro individual, em 2018 o poeta publicou *A Ilha Naufragada - ou a canção dos insulados* (editora Penalux)



Sugestão de Leitura

A Ilha Naufragada, de Natan Campos

A *Ilha Naufragada*, livro de estreia de Natan Campos é uma daquelas obras que devem ser saboreadas página a página. Adepto da forma fixa do soneto, o poeta escolheu como musa a Ilha de São Luís do Maranhão e a ela são dedicados os mais de cem poemas que compõem o livro.

Dividido em nove partes que se completam, o livro pode ser lido como se fosse uma grande saga poética da capital maranhense, que é vista sob diversos prismas, desde o mais lírico até o mais crítico, pois a paixão pela terra amada vai além dos elogios fortuitos e das odes ufanistas.

Em cada um dos poemas deste livro, o leitor se sente estranhamente dentro de uma urbe que pode tanto ser mãe como madrasta de cada um de nós.

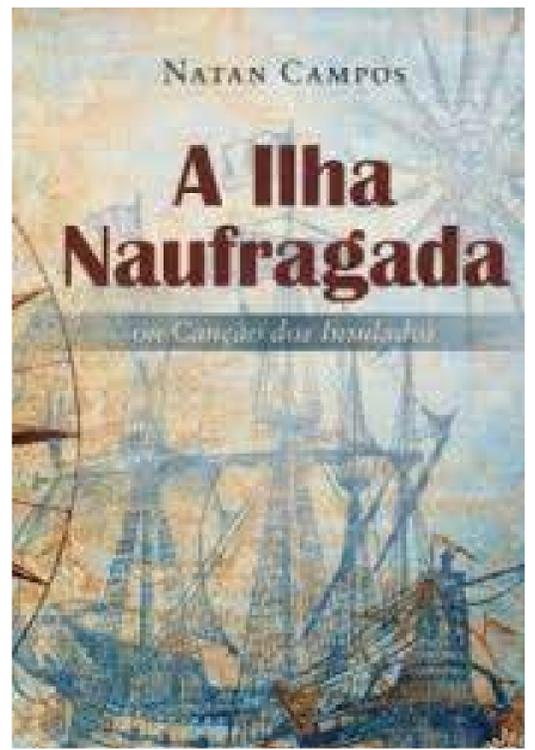
LXI

A tarde sangra pelo horizonte
e o rio é curvo como uma serpente
que sente sede de sua própria fonte
e talvez sinta do sangue da gente.

Quem viu do rio a boca não me conte
se a viu de perto e foi sobrevivente.

O rio engole o barco, o marco, a ponte
e as próprias margens se o mangue consente.

O rio sobe e bebe as palafitas
e as lágrimas o engordam de desdita
e as mães clamam aos filhos “não me deixes”,
quando estes vão brincar nas fundas águas
e o rio desemboca suas mágoas
vingando a mortandade de seus peixes.

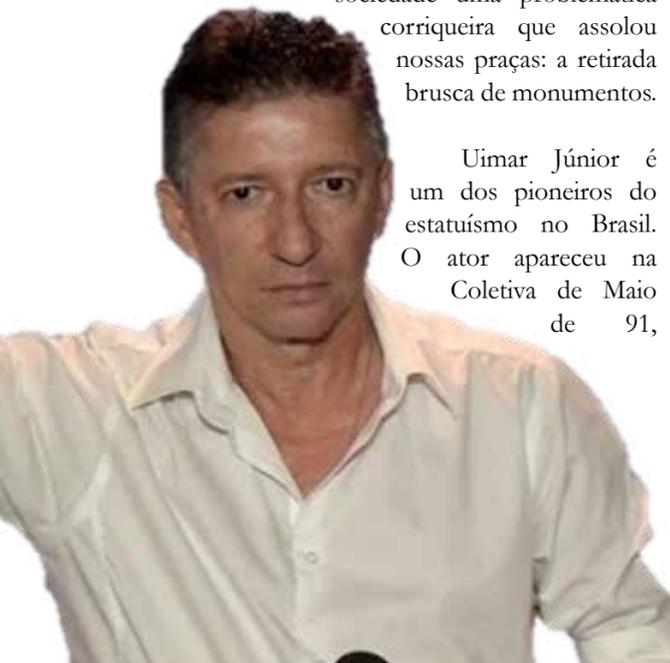


Somos da parte que acredita que as praças devem ser ocupadas, por monumentos históricos, artísticos e literários, com o objetivo de mostrar aos visitantes a nossa importância, seja política, social ou cultural, pois esses monumentos refletem a identidade de um povo, de um lugar. E quantos visitantes já não passaram por nossas ruas e praças e se perguntaram onde está aquela ou outra escultura que havia nesta ou aquela praça, se dando pela ausência desses monumentos?

Em São Luís não é diferente das outras cidades, conhecida nacionalmente como a capital do Reggae, terra do Bumba-boi, cidade dos azulejos e o título universalmente conhecido de Atenas brasileira, nossa Ilha do Amor também sofre com erosão cultural de seus monumentos.

E é como esse olhar questionador e ao mesmo tempo de tentar solucionar esse fatídico problema, que surge em nossa cidade um ator/personagem Uimar Júnior, ator performer que se dedica a emprestar seu corpo e seu talento para um propósito: tentar trazer de volta às praças seus respectivos monumentos, com árdua missão de mostrar à sociedade uma problemática corriqueira que assolou nossas praças: a retirada brusca de monumentos.

Uimar Júnior é um dos pioneiros do estatuísmo no Brasil. O ator apareceu na Coletiva de Maio de 91,



Uimar Júnior: monumento das artes maranhenses

evento das artes plásticas que existia todos os anos na nossa cidade. Nesta edição, Uimar Júnior fez a escultura viva do Homem Nu, atividade esta que chocou a sociedade na época. Muitos consideraram o ator como polêmico, ousado, irreverente, por suas performances, pois como ele mesmo diz “eu faço o que muitos não têm coragem”. O ator é natural de Codó. Teve sua arte cênica iniciada aos 18 anos, quando aluno da Escola Técnica Federal do Maranhão, influenciado por seu professor Cosme Junior.

Além de inúmeras performances, o ator também participou de inúmeras peças teatrais, entre elas, *Aves de arribação*, *ABC da cultura maranhense*, *Incursoão a Flor do Lácio*, entre outras. Seus trabalhos têm sempre o objetivo de mostrar à sociedade o que está acontecendo, como uma forma de alertar a população em geral, por um problema que está às vezes esquecido, pois, como ele mesmo diz “a arte está a serviço da humanidade” e ele usa verve artística “para melhorar o mundo”.

O ator empresta seu corpo para desenvolver a cultura e para protestar, no sentido de encabeçar pautas para alertar a sociedade sobre o real valor da arte na sociedade. É, então, um dos grandes nomes do teatro ludovicense, que empresta seu talento para levar a reflexão à sociedade.

Interpretando inúmeros personagens com o mesmo intuito, encontramos O Pássaro Rangedor, que foi o protesto feito pelo ator para mostrar a destruição de uma Área de Proteção Ambiental que está localizada dentro da Reserva do Rangedor, bairro Cohafuma. O local, que foi considerado pelo poder legislativo como Área de Proteção Ambiental, mas onde, três anos depois, construíram a Assembleia Legislativa. Atnto às causas ambientais, o ator criou também a Mulher-Babaçu, personagem criada para denunciar as derrubadas dos babaçuais em terras

urbanas.

Uimar Júnior é uma ponte entre o real e o imaginário, usando seus inúmeros personagens para protestar, instigar e compartilhar suas angústias. A mais recente campanha realizada pelo ator foi #voltapracasa movimento esse que pede a volta ao local original da Mãe d'Água, escultura em bronze, monumento original feito pelo artista Newton Sá, que ficava na praça Pedro II, centro da cidade e um ótimo ponto de referência para turistas, mas retirado pela prefeitura de São Luís, alegando falta de segurança. O ator se vestiu e se posicionou como a estátua para cobrar pelo seu retorno. Assim como os bustos de personalidades que ficavam na praça do Pantheon, foram retirados e que estão no Museu Histórico e Artístico do Maranhão (MHAM) sob a responsabilidade da Academia Maranhense de Letras.

As retiradas destes e outros monumentos foi justificada pela falta de segurança nesses locais, outra justificativa foi que seria feito execução do projeto do programa de Aceleração das cidades históricas e só posterior a estas reformas a estátua voltaria a seu lugar de origem.

Dono de imenso talento, Uimar Junior é um desses monumentos que temos no Maranhão e que precisa ser admirado, respeitado e preservado.



Artigo de LINDA BARROS - professora, escritora, atriz e autora da coluna Maranhenses, do Jornal do Maranhão, onde este artigo foi originalmente publicado.

-Hora da Leitura -

UMA APOSTA - ARTUR AZEVEDO

Se o Simplício Gomes não fosse um rapaz do nosso tempo, se não usasse calças brancas, paletó de alpaca, chapéu de palha e guarda-chuva, daria ideia de um desses quebra-lanças que só se encontram nos romances de cavalaria. De outro qualquer diríamos: “Ele gostava da Dudu”; tratando-se, porém, do Simplício Gomes, empregaremos esta expressão menos familiar: “Ele amava Edviges.”

O seu amor tinha, realmente, alguma coisa de puro e de ideal, que não se compadecia com os costumes de hoje.

Começava por ser discreto; Dudu adivinhou, ou antes, percebeu que era amada, mas ele nunca lho disse, nunca se atreveu a dizer-lhe, não por timidez ou respeito, mas simplesmente porque não tinha confiança no seu merecimento.

Estava bem empregado, poderia casar-se e viver modestamente em família, mas era tão feio, tão pequenino, tão insignificante e ela tão linda e tão esbelta, que o casamento lhe parecia desproporcionado.

Ele não se sentia digno dela, não acreditava que a pudesse fazer feliz, e isso o desgostava profundamente. Ela, por seu lado, não concorria para que a situação se modificasse: fingia ignorar que ele a amava, e atribuía toda aquela solicitude a um afeto desinteressado.

Dudu vivia com a mãe, uma pobre viúva sem outro recurso que não fosse o do meio soldo e montepio deixados pelo marido, brioso oficial do Exército que viveu sempre desprotegido, porque não sabia lisonjear nem pedir; mas o Simplício Gomes, sem fumaças de protetor, e dando a esmola com ares de quem a recebia, achava meios e modos de fazer com que naquela casa faltasse apenas o supérfluo.

Como era parente, embora afastado, das duas senhoras, estas consideravam os seus favores simples atenções de família.

O caso é que o Simplício Gomes parecia adivinhar os menores desejos de Dudu e nessas ocasiões recorria ao ardil de uma aposta:

- Aposto que hoje chove!
- Que ideia! o dia está bonito!
- Pois sim, mas o calor é excessivo: temos água com toda certeza!
- Não temos!
- Façamos uma aposta!
- Valeu! se chover eu perco uma caixa de charutos.

– E eu aquela blusa que você viu na vitrina da Notre Dame e cobiçou tanto.

- Quem lhe disse que cobicei?
- Ora, esses olhos não me enganam...

No dia seguinte Dudu recebia a blusa.

A velha costumava dizer com muita ingenuidade:

– Você faz mal em apostar, Simplício! E muito caipora, perde sempre, e então, em se tratando de mudança de tempo, é uma lástima!

Conquanto não se atrevesse a falar em casamento, o pobre rapaz sofria, oprimido pela ideia de que quando menos se pensasse, Dudu teria um namorado... um noivo... um marido e efetivamente, não se passou muito tempo que os seus receios não se realizassem.

Dudu impressionou-se por um cavalheiro muito bem trajado, que começou a rondar-lhe a porta quase todos os dias, cumprimentando-a, depois sorrindo-lhe, e finalmente escrevendo-lhe graças à cumplicidade de um molecote da casa.

Depois de receber três cartas, Dudu contestou, convenceu-se de que as intenções do namorado eram as melhores e mostrou a correspondência à mãe, que imediatamente consultou o Simplício Gomes sem saber o desgosto que lhe causava. Este, que já havia notado as idas e vindas do transeunte suspeito, disfarçou o mais que pôde, os seus sentimentos, limitando-se a dizer que Dudu não deveria casar-se com aquele homem sem ter primeiramente certeza de que ele a amava de veras.

A velha, com toda a sua simplicidade, pediu-lhe que se informasse da idoneidade do pretendente, e o mísero logo se transformou de quebra-lanças em quebra-esquinas.

Foram desanimadoras (para ele) as informações que obteve: o rival chamava-se Bandeira, era de boa família, de bons costumes, funcionário público de certa categoria, estimado, e tinha alguma coisa. O seu único defeito era ser um pouco genioso.

O Simplício, que não tinha o altruísmo heróico de Cirano de Bergerac, não avolumou as qualidades do outro, mas foi leal: não as diminuiu. Em suma: o Bandeira pediu a mão de Dudu; e começou a freqüentar a casa.

O coitado não articulou uma queixa, mas começou desde logo a emagrecer a olhos vistos; perdeu o apetite, ficou macambúzio, fúnebre... Dudu, que tudo compreendeu, teve muita pena, teve quase remorsos; mas a velha nem mesmo assim desconfiou que a filha fosse adorada pelo infeliz parente.

Entretanto, o Simplício Gomes começou a ser assíduo em casa de Dudu; o seu desejo oculto era não deixá-la sozinha com o tal Bandeira enquanto não se casassem.

O noivo tinha, efetivamente, boas qualidades, mas era não só genioso, mas de uma arrogância, de uma empáfia, de um autoritarismo que começaram a inquietar Dudu.

Uma bela tarde em que se achavam ambos sentados no canapé, e o Simplício Gomes, afastado, num canto da sala, folheava um álbum de retratos, o Bandeira levantou-se dizendo:

– Vou-me embora; tenho ainda que dar umas voltas antes da noite.

– Ora, ainda é cedo; fique mais um instantinho, replicou Dudu, sem se levantar do canapé.

– Já lhe disse que tenho que fazer! Peço-lhe que vá desde já se habituando a não contrariar as minhas vontades! Olhe que depois de casado, hei de sair quantas vezes quiser sem dar satisfações a ninguém!

– Bom; não precisa zangar-se...

– Não me zango, mas contrario-me! Não me escravize; quero casar-me com a senhora, mas não perder a liberdade!

– Faz bem. Adeus. Até quando?

– Até amanhã ou depois.

O Bandeira apertou a mão de Dudu, despediu-se com um gesto do Simplício Gomes, e saiu batendo passos enérgicos, de dono de casa.

Dudu ficou sentada no canapé, olhando para o chão.

O Simplício Gomes aproximou-se de mansinho, e sentou-se ao seu lado.

Ficaram dez minutos sem dizer nada um ao outro.

Afinal Dudu rompeu o silêncio. Olhou para o céu iluminado por um crepúsculo esplêndido, e murmurou:

– Vamos ter chuva.

– Não diga isso, Dudu: o tempo está seguro!

– Apostemos!

– Pois apostemos! Eu perco uma coisa bonita para o seu enxoval de noiva. E você?

– Eu... perco-me a mim mesma, porque quero ser tua mulher!

E Dudu caiu, chorando, nos braços de Simplício Gomes.

(O Século, 9 de julho de 1907. In Histórias brejeiras, 1962.)



Acesse e ouça a radio web da Academia Maranhense de Letras
www.radioacademiamaranhensedeletras.com

